



NUNO CAMARINHO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

O MUNDO DE SOPHIA

Afinal, o que é isso da inteligência artificial? Poderá um computador ser verdadeiramente inteligente? Ter consciência, vontade, sentimentos e emoções? Ou será apenas uma pálida imitação dos seus criadores?

Já todos vimos os mais recentes anúncios de uma empresa de telecomunicações em que um *robot* de nome Sophia exhibe as suas capacidades cognitivas para vender os produtos da empresa. O *robot* conversa com diversas personalidades famosas, mostra-se curioso, responde de forma mais ou menos ingénua e chega até a demonstrar algum humor, que não sabemos se é fortuito ou intencional.

A aparição desta personagem humanoide na comunicação social é um bom pretexto para que se discuta a questão da inteligência artificial e uma infinidade de problemáticas que lhe estão associadas. Afinal, o que é a inteligência? E o que define a humanidade? Serão sinónimos? Até quando?

O termo "*robot*" teve origem na peça de teatro de ficção científica "R.U.R", de 1920, escrita pelo escritor checo Karel Čapek. A peça descreve uma fábrica que produz seres artificiais humanóides que possam servir a espécie humana enquanto escravos. O incremento no número de *robots* e o decréscimo dos seres humanos decorrente de uma baixa de natalidade acabam por levar a uma revolta dos "escravos" e ao extermínio da raça humana. Escrito há quase 100 anos, o texto de Čapek antecipa muitas das angústias contemporâneas e os sentimentos ambíguos de fascínio e horror que associamos à possibilidade de uma espécie tecnológica criada por nós que possa suplantar-nos e tornar-nos obsoletos.

Mas, afinal, o que é isso da inteligência artificial? Po-

derá um computador ser verdadeiramente inteligente? Ter consciência, vontade, sentimentos e emoções? Ou será apenas uma pálida imitação dos seus criadores? Um mero conjunto de algoritmos e bases de dados que se conjuram para imitar os nossos comportamentos?

Ninguém sabe, mas muitos especulam. Se pusermos de parte conceitos extra científicos tais como "alma" e "espírito", não há verdadeiros motivos para que um cérebro artificial suficientemente complexo não adquira em algum momento as mesmas capacidades dos nossos cérebros biológicos, feitos de células e alimentados por impulsos elétricos, e que desde sempre associámos ao conceito de humanidade ou personalidade. Poderá um cérebro de silicone ser auto consciente? Sentir dor e prazer? Amar e odiar? Ter medo de morrer?

O "teste de turing" parece ter sido ultrapassado, muitos de nós terão já conversado com máquinas sem se terem apercebido. Serão as máquinas inteligentes ou apenas espartalhonas? Estarão ainda ao nosso serviço ou estaremos nós a trabalhar para elas? Quantas das nossas horas de trabalho servem para comprarmos computadores mais sofisticados, telemóveis sempre mais "*smart*" e automóveis cada vez mais autónomos? Quem é mais esperto? Quem é senhor e quem é escravo?